REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 750

30 DE OUTUBRO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 29

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

GUERRA NA AFRICA DO SUL

PAULO KRUGER — PRESIDENTE DA REPUBLICA DO TRANSVAAL

A GUERRA NA AFRICA DO SUL

OS «BOERS» — O PRESIDENTE KRUGER

Está em plena téla dos acontecimentos a conflagração sul africana originada pelas exigencias da Inglaterra á republica do Transvaal, no intuito reservado, — segundo se affirma — de o governo imperial criar na Africa do Sul os estados federaes do Cabo, Transvaal, Natal, Orange, Rhodesia, que se chamariam os Estados Federaes da Africa, e cujo parlamento se reuniria na cidade do Cabo, tendo esses estados parlamentos especiaes, em que seriam eleitos governadores, sendo a nomeação do governador geral feita pela rainha Victoria.

Mas esta ambição é antiga.

A politica de expansão colonial, iniciada em Inglaterra pelo ministerio Beaconsfield encontrou em lord Canarvon um propugnador convicto quando em 1874 tomou conta da pasta das colonias.

Já seis annos antes no Canadá havia sido adoptado o principio da confederação e a Africa do Sul apresentava-se como um bello ponto para inicio de novas emprezas n'aquella orientação.

O professor Tronde foi o encarregado, logo em 1875, de apresentar aos governos e aos corpos legislativos da Africa do Sul, na qualidade de commissario imperial, um plano de confederação, que no Transvaal pareceu encontrar appoio, e indifferença no Estado Livre de Orange, no passo que no Cabo foi recebido com manifesta hostilidade, pois o parlamento da colonia se escandalisou com a nomeação, que não solicitara, do referido commissario para tratar d'um assumpto que só a propria colonia deveria negociar e ajustar.

Lord Carnarvon não desanimou e procurou passar sobre a opinião dos ministros do Cabo, dirigindo em 1876 um convite aos governos dos estados sul-africanos para que nomeassem delegados a uma conferencia que deveria effectuar-se em Londres e em que se trataria de celebrar o pacto de confederação.

Como era de esperar, o ministerio do Cabo declinou o convite. Os governos do Transvaal e Orange não o acceitaram e apenas o Natal nomeou sir Theophilus Shepstone e dois outros delegados, realisando-se a tal conferencia por forma menos regular, que a imprensa ingleza a intitulou de comedia.

Falhando o exito da sua tentativa tratou o ministro das colonias de dominar o Transvaal e, nomeando governador do Cabo a sir Batle Frere, com funcções de alto commissario britannico na Africa do Sul, deu-lhe instrucções particulares, cujo primeiro effeito foi a annexação d'aquella republica e que depois a supprimiram.

Remontemos mais longe ainda para se conhecer da origem do Transvaal, esse estado que tanto tem luctado pela sua independencia.

Como se sabe, no seculo XVII os hollandezes estabelecidos pelo sul da Africa começaram no principio do seculo actual a sua lucta contra os inglezes.

Em 1883 um grande grupo de antigos colonos resolveram emigrar do littoral onde estavam, ou para procurar um porto de mar mais ao norte, na costa de leste, ou para escolher terras que pudessem pacificamente cultivar no interior.

Pretorius era o nome do chefe que os dirigia e Pietermaritzburgo o que puzeram a um dos primeiros estabelecimentos que fundaram.

A coragem e a perseverança que esta emigração representa dá a medida da paciencia e da heroicidade d'aquelle povo. Os inglezes perseguiram-nos sempre. Onde quer que aquelles, na sua opposição contra os povos selvagens, conseguiam criar um estabelecimento, ahi iam os direitos proclamados da Inglaterra impor-lhes o senhorio. Com o decorrer dos tempos, os emigrados hollandezes dividiram-se em dois grupos que as condições dos terrenos determinaram. Uns ficaram no valle do rio Orange, os outros condensaram-se ao norte do rio Vaal, formando ahi, a despeito de todos os obstaculos, a republica do Transvaal. Para isto concorreu a circumstancia de que, estando os inglezes em lucta com os cafres, conveiu á Gran-Bretanha o conciliar todas as vontades europeias n'aquella parte da Africa.

Aos antigos hollandezes e aos seus descendentes das duas nações visinhas do sul da Africa dá-se geralmente o nome de *boers* que, em hollandez, significa *cultivador* ou *grangeiro*.

São elles que formam parte importante da colo-

BOERS

nia portugueza da Huila, para a qual em fevereiro de 1880, o governo portuguez os convidou a ir, quando elles solicitaram permissão de se estabelecerem ahi, o que trataram por intermedio do nosso consul no Cabo, sr. E. A. Carvalho. Em 1880 as conferencias dos *boers* realisaram-se em Mossamedes com o governador d'aquella possessão portugueza.

Em 1870 foram os primeiros diamantes encontrados nos rios Hart e Vaal, e pouco depois essa parte do paiz era violenta e arbitrariamente arrancada á republica de Orange, formando-se com ella a provincia de Griqualand Occidental, a qual, annexado á colonia do Cabo, faz hoje parte integrante d'ella.

Em 1877, por motivos mais ou menos falsos, foi o Transvaal inesperadamente annexado aos dominios britanicos, aproveitando-se as dissensões intestinas provenientes dos preparativos d'uma eleição presidencial, e explorando-se com pouco escrupulo as más disposições que contra a republica manifestavam o regulo Secococni e o rei dos zulus.

Em 1880, depois de esgotados todos os meios brandos empregados pelos *boers* do Transvaal para pedir justiça, rompeu a memoravel guerra para sacudir o jugo inglez, que veiu a terminar em março de 1881 pela conquista da sua independencia. Finalmente em fevereiro de 1884 celebrou-se em Londres uma convenção que assegurou á vigorosa republica todas as condições politicas de um estado livre e independente.

Não ha pois na historia da organisação dos estados modernos, outro que figure com pagina mais brilhante do que o heroico povo do Transvaal, cujo presidente venerando é Stephanus Johannes Paulus Kruger, o tio Paulo, *oom Paul*, como familiarmente lhe chamam os seus compatriotas.

Kruger nasceu em 10 de outubro de 1825 em Colesberg, na colonia do Cabo, de familia honrada estabelecida no paiz durante varias gerações.

O tratamento infligido aos colonos boers pelo governo inglez colonial determinou o pae de Kruger a abandonar a colonia embrenhando-se pelo norte dentro com os primeiros emigrantes, indo esperar na margem do rio Orange o grosso da emigração, que no anno immediato se lhes juntou.

Alguns emigrantes foram até ao littoral do nascente e fundaram a colonia do Natal, mas o governo inglez não tardou a persegui-los e hastear ali a sua bandeira.

Chegados os emigrantes nos territorios do actual Transvaal, viram-se a braços com o poderoso potentado indigena Mosilikatase e soffreram um horrivel morticinio. Deram-se cruentas batalhas, e Paulo Kruger, não obstante a sua tenra edade, recebeu n'ellas o seu baptismo de fogo, figurando desde 1838 nas expedições armadas contra o regulo indigena.

A partir d'essa data, Kruger nem um só instante deixou de servir dedicadamente o seu paiz. Subiu elle a todas as distincções nos campos de batalha e nas luctas parlamentares, e foi de grau em grau até alcançar a suprema magistratura politica do seu paiz. O seu valor na guerra ficou proverbial entre os indigenas. O seu tacto sagaz alcançou-lhe na politica uma bem merecida reputação, ao passo que a sua grande moderação, tanto na guerra como na paz, é uma das mais notaveis feições do seu caracter.

Tendo casado em 1842 com uma senhora Duplessis, enviuvou no anno seguinte. Em 1844 casou de novo com uma prima de sua primeira mulher, tambem de appellido Duplessis, a qual lhe deu 17 filhos, dos quaes uns dez ainda estão vivos e com numerosa prole.

Em 1842 foi Kruger nomeado *veldkornet* ou official de districto, especie de auctoridade administrativa, logar que exerceu até 1851, em que o nomearam *commandante* ou general. Em 1860 era nomeado general em chefe, tal fôra a maneira como desempenhára os seus deveres administrativos e militares.

Chegado a esse ponto tinha já assento no conselho executivo *(Uitvoerende Raad)* onde serviu até 1873. N'este anno foi nomeado vogal effectivo do mesmo conselho, logar que exerceu até 1876, em que foi eleito vice-presidente da republica e em 1883 presidente.

Kruger já tem vindo algumas vezes á Europa. A primeira em 1877, logo depois da annexação do Transvaal, para ir a Inglaterra, e a segunda em 1884, por occasião da nova convenção que então pacificou a lucta anglo-boer.

*

A actual guerra tem, pois, as suas origens em factos já antigos, como se vê. O desastre da campanha de 1880-1881 ainda está quente e os inglezes incitam os seus soldados com a lembrança de *Majuba*, a principal derrota d'essa campanha. Comtudo, deram-se novos motivos para o rompimento das recentes hostilidades. Queriam os inglezes que os seus nacionaes — *uitlanders* obtivessem no Transvaal direitos civicos e franquias politicas semelhantes ás dos *boers*.

O governo do Transvaal não acceitou e fez propostas moderadas, a que os inglezes responderam em uma ultima nota de 30 de setembro findo, exigindo que o Transvaal indemnisasse a Inglaterra das despezas então já feitas com o movimento de tropas para o Cabo; que exonerasse o seu secretario de estado para as relações exteriores, dr. Leyds; que mandasse demolir todos os fortes e reductos construidos agora no territorio da republica; que désse independencia plena aos tribunaes e egualdade das linguas ingleza e hollandeza; que fosse reconhecida a soberania da Grã-Bretanha em todas as regiões da Africa Meridional.

A esta nota replicou o Transvaal com um *ultimatum* contendo quatro pedidos:

Primeiro: que os pontos de divergencia mutua entre a Inglaterra e o Transvaal fossem regulados por meio de arbitragem amigavel, ou por meio de accordo entre os governos do Transvaal e britannico;

Segundo: que as tropas britannicas actualmente na fronteira da republica sul-africana retirassem immediatamente.

Terceiro: que as tropas desembarcadas no sul d'Africa desde o dia 1 de julho de 1899 retirassem n'um prazo rasoavel, ou que os governos britanico e transvaaliano accordassem a data da retirada d'essas tropas, devendo ter o governo britannico a certeza de que o Transvaal afiançava que se não executariam actos de hostilidade contra nenhuma porção das possessões britannicas durante o curso das futuras negociações e em periodo que seria ulteriormente determinado por ambos os governos; e em conformidade com este accordo o Transvaal retiraria das fronteiras os *burghers* que as guarneciam;

Quarto: que as tropas britannicas, que estavam em caminho para a Africa, não desembarcassem em portos do sul.

O governo transvaaliano insistia em que se devia dar resposta a estes pedidos até quarta feira 11 do corrente, ás 5 horas da tarde. O contrario seria considerado como a declaração de guerra.

O governo inglez não deixou de dar a sua resposta que foi nos seguintes termos:

«O governo de sua magestade britannica recebeu com muito sentimento a declaração peremptoria do governo da Africa Meridional. É impossivel acceder ás condições pedidas.»

Visto estar assim declarada a guerra, o agente inglez em Pretoria pediu o seu passaporte e logo as hostilidades começaram. Era isto mesmo que os boers queriam, porque, tendo adquirido a completa convicção de que o governo inglez, suggestionado por Cecil Rhodes e lord Chamberlain, havia deliberado supprimir as duas republicas de Orange e Transvaal, elles, no uso do seu pleno direito de defeza, fizeram precipitar os acontecimentos enviando ao governo de Londres aquelle *ultimatum*.

Toda a demora, pois, no rompimento das hostilidades lhes seria prejudicial, porque da Inglaterra e seus dominios sahiam a todo o momento novos e successivos reforços, preparando-se apressadamente outros.

As guarnições do Cabo e do Natal tinham sido já consideravelmente reforçadas e occupavam nas fronteiras do Transvaal e Orange os pontos estrategicos e tacticos mais importantes e necessarios para se effectuar a invasão logo que chegassem novos reforços. Os pontos occupados pelos inglezes eram: no Sul e Oeste, Alwal, Colesberg, Hopetown, Kimberley e Mafeking.

Estes logares seriam as futuras bases de operações, para a invasão pelo Cabo, porto Elisabeth e East London.

Todas estas linhas possuem caminhos de ferro que entram no territorio de Orange, passando sobre pontes metalicas o rio Orange, e por isso as primeiras operações dos orangenses foram o apoderar-se d'essas pontes, que, ou já estão destruidas ou o serão em tempo conveniente. Na fronteira de leste, no Natal, ameaçando mais directa e fortemente o Transvaal occupavam os inglezes a linha de operações, Durban — Pretoria, como as posições fortificadas de Pietermaritz, Ladysmith, Dundee, Glencoe, Newcastle.

O total das forças inglezas nos pontos mencionados, segundo vimos notado n'um artigo recente, era de uns 16:000 homens no Natal, e de uns 6:000 no Cabo e Oeste.

É muito para apreciar o facto de que no momento em que o *ultimatum* foi enviado a Londres, já os boers haviam armado e convocado parte das suas milicias. E assim que o *ultimatum* esclareceu a situação de um modo definitivo, a mobilisação completa realisou-se rapidamente, apresentando os alliados em armas 35:000 homens.

Ora como a população boer das duas republicas conta apenas 320:000 almas, aquelle effectivo de guerra poder-se-ha ainda reforçar com mais 10:000, o que constitue um facto assombroso, digno da admiração do mundo, tanto mais que se pode citar que nenhum povo fez ainda com tanta honra uma tão rapida e admiravel mobilisação, conseguindo os *boers* possuir por um momento a superioridade numerica, e está vendo-se a energia com que aproveitam essa superioridade, procurando aniquilar as guarnições e tropas inglezas antes de chegarem novos reforços.

Está, pois, verificado que ao plano dos inglezes, com que procuravam ganhar tempo em negociações procrastinadas a seu bel-prazer e á pressão pela presença das suas forças e occupação de linhas de invasão, responderam os *boers* com um plano bem concebido.

As acções de Ladysmith e Mafeking, seguida do incendio da mesma praça e o seu bombardeamento; os regimentos inglezes já prisioneiros dos *boers* em Glencoe, e outros successos da guerra que o telegrapho vae annunciando devem ter surprehendido os inglezes, e fazem suppor uma lucta assás encarniçada.

Ainda não ha cinco annos que a China e o Japão deixavam á sorte das batalhas o cuidado de dirigir os seus destinos, e já pela quarta vez, desde essa epoca a guerra rebenta.

Agora foi a guerra do Transvaal, depois das de Hespanha, America, Grecia e China. E é no mesmo anno em que se realisa um congresso eminentemente pacifico, em que se reunem na Haya os delegados dos povos para proclamar solemnemente a paz, que esta é violada por uns pretextos tão futeis, tão ridiculos, e até inconfessaveis.

A philosophia da historia não pode ainda attribuir ao seculo que prestes finda o titulo devido e merecido.

R.

CHRONICA OCCIDENTAL

Ill.mo e Ex.mo Sr. X:

É apenas por um momento que venho incommodar a V. Ex.ª. Sei que é mal escolhida a hora; mas tenho a pedir a V. Ex.ª um bocadinho de attenção, e logo depois um favor. Adivinho a instinctiva resposta de V. Ex.ª: — «Vá para o diabo!» Mas, Ex.mo Sr., temos tres quartos d'hora até que parta o expresso de Cascaes, onde é o diabo e aonde vou acompanhar a V. Ex.

Entretanto falarei.

Não sei ao certo quem V. Ex.ª é, e de tal modo transtornadas tem as feições, que nem posso dizer se é esse o rosto d'um bello rapaz, não ha dois dias ainda, enlevo de pae e mãe, se o d'um bom chefe de familia, até ha dois dias cidadão honesto, e respeitado. Esse rosto é o da Desgraça!

Já V. Ex.ª vê que, se lhe ignoro o nome estimadissimo, conheço-lhe um pouco a vida.

Notei que V. Ex.ª estremeceu ao ouvir-me esta palavra. É que V. Ex.ª agora só pensa na morte. Desde hontem sorri-lhe insistente, carinhosa, fatidicamente, a idéa do suicidio.

E V. Ex.ª parte para Cascaes com os ultimos trinta mil réis e um revolver.

É preciso que haja motivos fortissimos para tão desesperada resolução n'um homem de tão bom nome, tão respeitado ainda ha pouco!

V. Ex.ª está desvairado, tenha paciencia que lh'o diga. Esse olhar esbogalhado, esse abundante suor que o alaga, a pallidez das suas faces, essas mãos crispadas sobre peito, as irregularidades do respirar, são horriveis symptomas do seu delirio. Porque não vai V. Ex.ª para casa?

Não quer?... N'esse caso continuo.

Ah! V. Ex. encantou-se com Cascaes: não admira. É o que ha de mais chic n'estes arredores de Lisboa. Nós temos realmente progredido muitissimo! Cascaes póde hoje mostrar-se sem vergonha a qualquer estrangeiro. A civilisação, meu amigo, caminha a passos gigantes em Portugal!

Vejo que V. Ex.ª está com o pensamento no quatorze e não me dá talvez a devida attenção.

Pois é verdade... Foi a terra escolhida por

suas majestades e por todo o *high-life*... E, vai d'ahi, V. Ex.ª cahiu.

Ah! meu caro sr. foi uma grande desgraça! V. Ex.ª não devia ter cahido. Ahi tem agora o resultado de ter visto com um sorriso vaidoso figurar o seu nome n'uma correspondencia do *high-life*, entre seis duzias de palavras estrangeiras estropiadas por um idiota. V. Ex.ª desvaneceu-se com isso, quiz figurar, seguir exemplos que vinham do alto, confiou demais na segunda duzia e agora ahi tem o resultado. Fêl-a bonita, não ha duvida!... Pois nem sequer se lembrou da sua pobre familia!... Vejo que esta simples palavra tão doce lhe contrahiu o rosto n'uma careta dolorosamente horrivel!... Mas emfim, eu vim aqui para lhe dizer todas as verdades. Que ha de a sua familia fazer, quando V. Ex.ª perder os trinta mil réis e der o tiro na cabeça?

Foi uma historia tragica!

V. Ex.ª tão longe andava com o seu pensamento do panno verde com numeros a sorrirem, que parecem estar alli a tentar a gente! E começaram a contar-lhe contos, e que o sextetto era um encanto, e que toda a gente lá ia, e até senhoras muito de bem, e tudo isto em Cascaes, a terra chic por excellencia, onde o chefe de estado toma banhos... V. Ex.ª foi na onda... Nada mais natural.

Depois quantos argumentos leu V. Ex.ª a favor do jogo! Que devia ser consentido, tributado, que podia ser de grande auxilio para os estabelecimentos de caridade... V. Ex.ª tão caritativo...!

E d'ahi a sua deshonra!

Porque, diga-se a verdade, V. Ex.ª roubou, V. Ex.ª é um patifo.

Ora até que emfim lá veem duas lagrimas rolando silenciosamente por essas faces, que tantas noites de insomnia maceraram! Agora, sim, lembra-se V. Ex.ª de seu pae e de sua mãe ou de sua mulher e filhos, não sei ao certo. Não será tarde? Que fez da felicidade que elles haviam posto em suas mãos?... Jogou a no treze!

Diga-me uma coisa: porque não vae V. Ex.ª para casa com esses trinta mil réis? Ponha um ponto na tragedia, confesse sinceramente o seu erro, lave as mãos com desinfectantes, lave a alma com meia duzia de beijos de boccas muito amigas e volte á vida com denodo, que nem tudo ha de estar perdido.

Não?... Hontem o trinta e dois deu tres vezes a fio e palpita-lhe hoje a mesma scena á mesma hora.

Seja.

Eu tenho um favor a pedir-lhe; mas não quero, por fórma alguma, que V. Ex.ª diga que o arrastei para o suicidio que tantas lagrimas vai custar aos seus. E se fôr só lagrimas...!

V. Ex.ª tem uma desculpa: está idiota; mas nem por isso devo deixar de lhe lembrar que o momento é desastradamente escolhido, quando, até só por simples curiosidade vale a pena o viver.

Por exemplo: a guerra do Transvaal. Não o interessa? Que me diz V. Ex.ª á bordoada que os inglezes vão apanhando? V. Ex.ª responder-me-ha que mais tarde os boers vão ver uma fona, que a Inglaterra tem muito dinheiro e que é com este que, hoje em dia, as guerras se decidem.

Deixe lá agora o trinta e dois triplicado e diga-me qual será o papel da Russia.

E a França? E a Allemanha?

Eu sei que a politica externa nunca foi especialidade de V. Ex.ª Conversemos por tanto em coisas nossas.

As eleições estão á porta. O nosso paiz é felizmente um paraizo. O eleitor honradissimo é fiel em seus principios: vota sempre com o governo. Estou que V. Ex.ª com elle votaria.

Porque não addia V. Ex.ª a tragica decisão até esse momento solemne de exercer um dos mais sagrados direitos de cidadão livre?

Desculpe; não me lembrava agora de que V. Ex.ª por esse tempo já deveria estar no Limoeiro.

E o arrendamento das linhas dos americanos a uma companhia ingleza que lhe parece? O governo cedeu! Eu digo a V. Ex.ª francamente, se fosse governo não cedia. E V. Ex.ª?

Vejo que o estou molestando com as minhas perguntas e sinto sinceramente não poder distrahil-o d'esse horrivel pensamento que lhe perfura o cerebro. Até me pareceu ter agora a visão d'um diabo escarranchado nos hombros de V. Ex.ª e, a rir, martellando a toda a força na cabeça do prego.

Diz-se que vamos ter um bello anno de theatros.

Tanto mais que vai desapparecendo o receio da peste bubonica...

Muitos originaes. O do Lopes de Mendonça já entrou em ensaios no theatro D. Amelia. Antes d'isso, porém, teremos as francezas. A abrir os espectaculos deslumbrantes a Sarah Bernhardt, a fechal-os a Réjane!

Que diz V. Ex.ª, hein? Se não fosse V. Ex.ª ser tolo, não podia ter assignado dois balcõesinhos, para si e sua Ex.ma Sr.ª? Não era isso um prazer delicioso, espiritual, artistico?

Oiça cá. Com um empenhosinho talvez se possa arranjar o seu caso pelo melhor. Ha gente que é boa. Talvez lhe perdoem. Não vamos já ás do cabo. Veja a Sarah Bernhardt pelo menos. Lá de cima, do gallinheiro. Dez tostões.

V. Ex.ª deitou-me um olhar furioso. Eu sei que sou molesto.

Então está decidido! Se não vier o trinta e dois... Era uma vez um homem! O meu palpite seria outro; mas nada mais direi a V. Ex.ª; sei perfeitamente que os palpites dos mirones encalistam.

Ora diga-me, desgraçado, que lhe parecem a V. Ex.ª os lindissimos argumentos com que ha tempos algum jornal vem enchendo suas columnas em defeza da permissão da jogatina?

Não quero outra resposta além d'esse gesto eloquentissimo.

Não é possivel obstar ao jogo? Toca a tributal-o! Antes, porém, vamos a facilital-o de maneira que o vicio se entranhe nos homens, nas mulheres, nos mais altamente collocados que não podiam ir ás batotas, mas podem ir aos *clubs*, nas mães de familia que arregaçam as saias na rua por causa da lama, mas não teem duvida de sorrir, quando seus dedos aristocraticos, ao pôrem uma cedula no trinta e seis, roçam na mão cheia de brilhantes da cocotte, que ha de ámanhã com ellas fazer uma vacca.

Não ha maneira de obstar ao vicio? Tributemol-o.

Onde está o homem honrado que quer o lindo monopolio?

V. Ex.ª conheceu o Xavier!... Coitado! A mulher... era o que V. Ex.ª sabe. O que o Xavier fez para que ella se emendasse! Supplicas, ameaças, bordoada... Não houve meio. Agora o Xavier vive d'isso, depois que leu o *Correio da Noite*.

E faz elle muito bem. Ao menos tira resultado. Tributou o vicio da mulher. Metade para elle, que é o dono, metade para um estabelecimento de caridade.

Querem alguns que o paiz siga o exemplo do Xavier. Mas outras coisas haveria então que tributar e até pelos mesmissimos argumentos.

Que é d'ella a mulher honrada que quer o lindo monopolio?

Mas que lhe importa tudo isto a V. Ex.ª? V. Ex.ª é um desgraçado e portanto um egoista. Calar-me-hei.

Um simples favor.

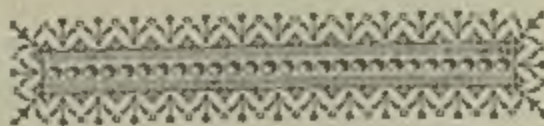
O trinta e dois não vem com certeza e V. Ex.ª vai metter uma bala no ouvido. Não será porque eu não quizesse dissuadil-o. Lavo d'ahi as minhas mãos.

Ora bem. Não se mate cá fóra. Mate-se lá dentro. Faça um escandalo. Para alguma coisa sirva a sua morte. Vá um pedaço dos seus miolos emporcalhar uns dedos finos e bonitos, que a avareza faz tremer engryphados n'umas notas sujas, que Deus sabe d'onde vieram.

Talvez alguem, que está perto, acorde no estrondo do seu revolver. Talvez algum homem sério, como V. Ex.ª o foi, assim V. Ex.ª salve da desgraça, e alguma mãe de familia da deshonra e o paiz d'uma vergonha.

Ainda uma vez... Vá para casa... Não quer? Então até ao dia de juizo... e não se esqueça do favorzinho.

De V. Ex.ª
Att.º V.or e obrig.mo

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

ARTE INFANTIL

É decerto um capitulo novo o da *Arte Infantil* na esthetica pictorica, mas o assumpto é muito antigo e todos o conhecemos. Bonecos cuja cabeça só tem olhos e bocca, com braços e pernas á maneira de palitos ou arames, são as illustrações d'esse genero, e das quaes todos nós na nossa infancia tratámos de reproduzir o maior numero.

A carinhosa mãe, que o nosso quadro representa, á maneira philosophica d'aquella canção «de quantas vezes a mãe canta com vontade de chorar», tem que descer á habilidade artistica dos seus primeiros annos, para satisfazer os desejos dos filhinhos.

É de vêr como o artista reproduziu em todos os rostos o interesse e a curiosidade das creanças. O que está mais chegado á pedra, esse, vae descendo gradualmente ás maiores minucias, quer que o *homem* tenha um casaco com botões, e a boa mãe vae desenhando successivamente todos os arrebiques pedidos.

Santa bondade a indulgencia das mães, que muitas se vêem forçadas a serem artistas para entreter os filhos, a descerem á intimidade dos seus brinquedos, fazendo elles de generaes, com chapéo de penacho de papel e ellas de simples soldado. Mas a scena é vulgar no seio das familias e não ha que admirar: O pintor foi gracioso na escolha do assumpto e intitulou muito bem este seu quadro *Arte Infantil*.

DEMOLIÇÃO DO CONVENTO DE SANT'ANNA

Primeira sepultura de Camões

Ao suggestivo nome de Camões a menor cousa redobra de valor e de prestigio na imaginação de todos aquelles que prezam e conhecem as obras do sublime poeta portuguez. A ligação por mais simples que seja inspira um interesse enorme aos espiritos cultos e tristissimo seria que o contrario succedesse. A memoria do grande epico revive poderosa na tradicção, embora tantos annos nos separem da sua existencia sobre a terra. Bem se poderá, pois, calcular quanto carinhosa attenção deverá merecer o local em que durante trezentos annos repousaram os restos preciosos do suavissimo cantor de Ignez. A velha egreja do convento de Sant'Anna, de Lisboa, foi esse moimento sagrado, e agora, que o camartello do progresso arrasa o edificio, dediquemos-lhe algumas linhas, reproduzindo em estampas o seu aspecto exterior, o côro antigo, a planta da egreja e a portaria de entrada.

O cadaver de Camões foi enterrado na egreja do convento de Sant'Anna, mas em logar em tão humilde, que quinze annos depois custou a amigos o encontral-o.

Trasladados ou continuando na mesma sepultura os ossos do principe dos poetas portuguezes, mandou D. Gonçalo Coutinho cobril-os com uma lapide, onde fez gravar uma singela inscripção, seguida de outra latina, com que o quiz honrar Martim Gonçalves da Camara, ficando a sepultura á esquerda da porta de entrada da egreja do convento, por cima da qual Miguel Leitão d'Andrade mandou assentar na parede uma memoria de azulejo.

Assim permaneceu a sepultura até que pelos annos de 1729, as freiras quizeram accrescentar e mudar o côro, o qual foi erecto na parte baixa da egreja, tapando-se para isso a porta principal, que se cobriu com um altar, assoalhando-se a egreja, para o que se levantaram as campas.

Parece que debaixo do sobrado ficou a sepultura de Camões. O testemunho dos escriptores, na parte que cada um tratou, não discorda desde Pedro Mariz até Barbosa Machado. Ha porém apenas uma affirmativa divergente, a de Manoel Faria e Sousa, que por mais de um motivo se julga inexacta.

Era affirmação geral que a sepultura se perdera e ninguem tentara averigual-o. Passado porém o primeiro quartel do seculo prestes a findar, duas tentativas se fizeram com esse fim

Cerca de 1836, o illustre poeta Castilho fez a primeira proposta n'este sentido na Sociedade dos Amigos das Lettras. Nomeou-se então uma commissão composta de Castilho, do professor de esculptura Assis Rodrigues, e do engenheiro Feijó, aos quaes se agruparam Augusto Frederico Castilho, o morgado de Assentis e Gonçalo Vaz de Carvalho, litteratos, artistas e homens de vasta instrucção.

Iniciou a commissão os seus trabalhos a 7 de setembro de 1836, abrindo, a pedido de Castilho, uma sepultura onde se encontraram dois esqueletos dentro de uma cesta de vime.

Castilho, ainda moço, guiado por Faria e Sousa, julgara poder encontrar alli os restos do grande epico. Como infelizmente, a Castilho faltava a vista, é provavel ter julgado ser a entrada da egreja de Sant'Anna a que sempre houvera, mas depois, em vista do testemunho dos historiadores, começaram a pesquizas no côro de baixo, parte esquer-

da da primitiva entrada, reunindo-se ahi ainda a commissão umas duas vezes.

Sobrevindo a revolução de setembro, e não tornando a commissão a reunir, tratou o membro d'ella sr. Feijóo de repor e concertar tudo no seu logar, cessando as pesquizas.

Durante cerca de vinte annos não se tornou a pensar em tal cousa, mas por occasião da morte de Garrett, nomeou o governo uma nova commissão de que faziam parte os srs. visconde de Monsão e Feijóo, que haviam pertencido á de 1836, do visconde de Juromenha, Carlos da Silva Maia, dr. Clecouro e Tavares de Macedo, que foi o secretario.

Esta commissão assegurou ter encontrado os ossos do grande epico, mas em local differente dos esqueletos encontrados pela primeira. Na planta da egreja se indica com uma ✠ o local determinado pela segunda commissão e por um — O — o local dos trabalhos da de 1836. Em 1856 foram os restos preciosos depositados no côro da mesma egreja de Sant'Anna.

Em 1880, por occasião do tricentenario, foram mudados os ossos de Camões para o mosteiro de Belem, onde hoje se encontram em logar condigno.

Basta esta longa permanencia de trezentos annos dos restos preciosos do grande poeta nacional na egreja do antigo convento de Sant'Anna, para que, agora que o convento está demolido, nos appressemos em conservar nas nossas paginas o côro antigo e especialmente a porta de entrada, cuja situação tantas controversias levantou, ajuntando-lhe uma vista exterior do convento que dê ideia da sua modestia.

a critica, a esta mesma estampa referente, feita pelo competentissimo escriptor prussiano, a quem já alludimos em nosso ultimo artigo.

Tal é a vantagem da vulgarisação das obras de arte, por modo a todos accessivel; — que acompanhadas ellas da competente historia, e das opiniões a que foram causa, instruem-se e deleitam-se ao mesmo passo os leitores, emquanto se vão insensivelmente acostumando a formar o gosto, a presar os mestres, e a julgal-os a seu turno, a ter uma opinião e um criterio proprios; a adquirir *senso artistico*, emfim.

ARTE INFANTIL

A SOPA ECONOMICA NO LARGO DE ARROIOS

Desenho de Domingos Antonio de Sequeira, gravura de Quadros

1813

III

Descripto o quadro que é objecto d'estas modestas notas, passa Marquez de Sousa a occupar-se dos accessorios da execução.

Nossos leitores, tendo a estampa á vista, podem ir ajuisando da plausibilidade dos assertos do nobre critico, e tanto mais vantajosamente, quanto, que logo que se offereça o ensejo, recordaremos

«A scena é animada e viva, pondera Marquez de Sousa. Inunda os grupos um sol brilhantissimo, que Sequeira não hesitou em reproduzir em toda a sua crueza, accusando fortemente os esbatimentos e os contrastes da luz e sombra quasi sem meias tintas».

Esta especie de *parti-pris*, perguntaremos nós agora, não será, por parte do auctor, a acceitação voluntaria de um defeito bem patente; defeito que o punho do abridor ha de vir a aggravar, com prejuiso manifesto para o satisfactorio aspecto geral da obra?

Cremos sinceramente que sim, e o proprio escriptor encomiasta, analysando o trabalho que havia descripto, accrescenta ainda, em obsequio, decerto, á lealdade que sabia guardar a seu con-

VISTA EXTERIOR DO CONVENTO DE SANT'ANNA

PORTA PRINCIPAL DO CONVENTO DE SANT'ANNA

CORO DO CONVENTO DE SANT'ANNA
ONDE SE GUARDAVAM OS RESTOS DE CAMÕES

DEMOLIÇÃO DO CONVENTO DE SANT'ANNA, DE LISBOA

vencimento, e á probidade critico-artistica, de que nobremente se presava:

«Este trabalho tão interessante não seduz porem desde logo, e posso mesmo dizer que á primeira vista é algum tanto desagradavel. Não tem um tom geral que harmonise e funda todas as partes da composição. Os francezes chamar-lhe-hiam *plaqué*, porque o seu aspecto apresenta largas manchas de sombra e de luz, provenientes da falta de claro-escuro geral. Cada um dos grupos tem o seu claro-escuro; o quadro todo é que o não tem».

Marquez de Sousa termina a sua judiciosa critica, explicando a procedencia do defeito; — o modo como foi composto o quadro, mas ajunta logo, benevolo e conciliador, que Sequeira poderia ter evitado esse defeito com algum trabalho mais.

Conde de Raczynski, porém, que não tinha as mesmas humanas razões para poupar o artista; que não estava, nem o procurou tampouco, nos antecedentes do processo adoptado por Sequeira para o agrupamento das innumeras figuras da sua composição, e para a distribuição das attitudes, mas que nem por isso foi menos imparcial e justiceiro, chegou diante da gravura, e julgou-a com a costumada dureza — permitta-se-nos por esta vez o termo — francamente *brutal* com que applicava os seus juisos, preoccupado só com a obra a sentenciar, e importando-se pouco ou absolutamente com o meio, com os antecedentes com as circumstancias, com os merecimentos de *detalhe* — vá o gallicismo, que dá o que se quer — em que se encontravam os seus sentenciados, ou que n'elles poderiam concorrer.

«Esta composição, escreve o critico eminente, é de grande riqueza, mas o desenho está longe de merecer louvores em todas as suas partes. A gravura é dura, e fraquissima ao mesmo tempo».

A opinião do critico prussiano a respeito do interprete de Sequeira é decisiva. Em duas linhas, julga-o e photographa-o, porque o juiso de Raczynski a respeito de Gregorio Francisco de Queiroz, valha a verdade, — é a sua pura expressão.

A apreciação d'este gravador resume-se com effeito em dois antinomicos conceitos: — foi *duro*, e foi *molle*. As suas sombras teem o azeviche do carvão, sem possuirem os seus reflexos; os seus claros são embaciados, a sua execução indecisa, desegual e mediocre.

No juiso, porém, que acabamos de transcrever uma parte das culpas do desenhador é, com tal ou qual injustiça, diga-se, attribuida tão só ao gravador. A gravura sahiu dura, durissima até, porque o auctor do desenho não quiz ir além do «*saia o que sahir*;» esta é a verdade. Marquez de Sousa achou as figuras, *em geral* bem desenhadas, e ha, com effeito em algumas innegavel verdade de expressão, como o critico compatriota nosso observa. Mas se o facto é o que temos a esperar de um lapis divinal de espontaneidade, e de aproposito, qual foi, e sem segundo n'estas qualidades, o de Domingos de Sequeira, não devemos razão ao conde prussiano, quando analysando meudamente a composição, lá encontramos, ás vezes, *bonecos*, e não figurinhas perdidas n'essa extensa perspectiva?

Dissemos que Sequeira não quiz ir além do «*saia o que sahir*;» por outros termos, insinuámos que Sequeira fez com esta estampa voluntaria e propositadamente obra de *fancaria*?

Lá o dá bem a entender, posto que mais reservadamente, o seu illustre e conscienciosissimo biographo. Escreve, com effeito, Marquez de Sousa:

«Em um album pertencente aos herdeiros do professor José da C. Sequeira, encontram-se todos os *croquis* e esboços do nosso artista para esta obra. Vê-se que foi successivamente reproduzindo os grupos e attitudes, e que terminado este trabalho preliminar ajuntou no desenho definitivo as figuras que por diversas vezes havia isoladamente estudado... A parte inventiva é nenhuma ou pelo menos muito pouca.»

Quer dizer, Sequeira fez o desenho da «*Sopa economica*» um tanto pelo mesmo processo que o illustre Garrett explicou espirituosamente a seus leitores que empregavam, para fazerem romances, os romancistas do tempo do auctor das *Viagens na minha terra*; — recortando os personagens dos romances francezes, para os collarem em papel almasso portuguez.

O auctor da «*Sopa economica*» dispoz o scenario tal qual o viu, — a grandes traços, sem se importar se a pobresa da perspectiva, ou melhor, a miseria architectural do quadro prejudicaria ou não a espontaneidade da sympathia do observador. — Bem pelo contrario; o artista exaggerou, até, os defeitos da perspectiva, immergindo na sombra profunda e dura a parte mais humilde da composição, pondo-a em immediato destaque affrontoso com o fondo e com a esquerda do quadro, expostos na alvura crua do céo. Isto feito, sem mais precauções, sem mais cuidados, sem se importar com o effeito *collado* de todo esse povo que enche o largo, toma os grupos, que estudou separados, e taes quaes os estudou, com o seu sol com a sua sombra e com a sua luz de cada um, os recorta do estudo, e os prega n'um scenario de ante-mão com elles divorciado; — «cada grupo com seu claro escuro, o quadro todo sem elle»!

Não averiguou o perspicaz biographo a rasão d'este desleixo, d'esta falta de senso artistico. Não a achariamos nós, tampouco, se uma circumstancia fortuita nol'-a não deparasse por mero acaso.

Crê Marquez de Sousa que o gravador Queiroz executou a gravura por ordem do artista. Assim foi com effeito, segundo o entendemos de ha pouco tempo a esta parte.

Domingos de Sequeira, observando o espectaculo que se lhe apresentava, viu de decerto, todo o partido que d'elle poderia tirar, e tratou de aproveital-o.

Executado o desenho, apresentado muito provavelmente a alguns personagens influentes do tempo, ao Principal Sousa; entre outros, suscitou-se naturalmente a idéa de o vulgarisar, por meio da gravura. «*A Sopa economica no Cruzeiro de Arroios*» era a representação sentimental e sympathica das desditas patrias, certamente, mas era tambem, a apotheose esplendida da providencia governativa do conselho de Regencia. — A obra de Sequeira não precisava de maior nem mais calorosa recommendação. Escreveu-se para Londres, onde outro membro da familia preponderante dos Linhares — ministro de Portugal n'aquella côrte — era a alma de uma publicação periodica, creada e sustentada para ser orgão da politica portugueza na capital da Inglaterra, tendo a especial missão de contra-minar a aspa dissolvente que o fogoso Hyppolito José da Costa operava nos fundamentos do throno absolutista, por orgão do *Correio Parisiense*.

Em setembro, pois, de 1811, isto é, um anno apos da existencia do motivo da producção sensacional de Sequeira, apparecia no jornal «*O Investigador Portuguez em Inglaterra*», e a pag. 437 do 1.º vol. o *reclamo* que vae lêr-se, e que vem completar a historia da famosa estampa, na parte que escapou ás aturadas investigações do Marquez de Sousa, e que nós egualmente, como acima dissémos, tambem ainda ha bem pouco não conheciamos.

Para um quarto e derradeiro artigo, a transcripção do curioso reclamo.

Gomes de Brito.

O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

(Narrativa de um marinheiro)

(Continuado do numero antecedente)

V

OS NATURAES NÃO CONSENTEM QUE COM ELLES FIQUEM ESTRANHOS — DESCRIPÇÕES E OBSERVAÇÕES

Na segunda feira, depois de comermos, sahimos todos para terra a tomar agoa. Ali então acudiram muitos dos naturaes, mas não tantos como das outras vezes. Poucos traziam já os arcos, e conservaram-se primeiro um tanto affastados de nós, e depois se foram misturando comnosco. Abraçavam-nos e folgavam, mas alguns d'elles fugiam logo.

Por simples folhas de papel, por alguma carapuça velha, ou outra qualquer cousa de infimo valor até, trocavam os naturaes os seus arcos. E de tal fórma se animou a troca, que bem umas vinte ou trinta pessoas da nossa gente foram com elles aonde estavam muitos outros, com rapangas e mulheres e trouxeram de lá muitos arcos e barretes de pennas d'aves verdes e amarellas, dos quaes creio que o capitão ha de mandar amostra a Vossa Alteza. Segundo o que diziam os que lá foram, os naturaes folgaram muito com elles.

N'este dia os observámos mais de perto e mais á nossa vontade, por andarmos todos assim misturados. Vimol-os quartejados de côres differentes, outros pintados por metade, e alguns, tão coloridos, que pareciam pannos de armar. Todos tinham o beiço furado, uns com os ossos de que falei e outros sem cousa nenhuma.

Varios de entre elles traziam na mão uns ouriços verdes de umas arvores que na côr parecia serem castanheiros, com differença talvez de um pouco mais pequenos. Os ouriços estavam cheios de uns grãos vermelhos pequenos, que, esmagando-se entre os dedos, produziam uma tintura vermelha muito viva, com que elles se tingiam, e quanto mais se molhavam mais vermelhos pareciam. Todos tinham o cabello rapado até acima das orelhas, inclusivé as sobrancelhas e as pestanas. Na testa, de fonte a fonte, pintam uma parte de preto, parecendo uma fita da largura de uns dois dedos.

Tambem n'este dia mandou o capitão ao degredado Affonso Ribeiro, com mais outros dois seus companheiros, para que andassem com os naturaes e alli ficassem n'aquella noite. Acompanhou-os, egualmente por ordem do capitão, mas apenas durante a tarde, Diogo Dias, que, por ser homem alegre, divertia bastante os naturaes.

Foram-se os quatro e lá estiveram entre elles.

Segundo depois referiram, caminharam cerca de legoa e meia e foram dar a uma povoação, que teria umas nove ou dez casas, as quaes tinham tanto comprimento cada uma como o d'esta náo capitana. Eram de madeira, sendo os lados de taboas e cobertas de palha. Tinham altura razoavel e nenhuma era dividida em compartimentos. Dentro viam-se muitos esteios ou postes, e de esteio a esteio uma rede atada pelas pontas, ficando altas, e nas quaes dormem esses homens.

Debaixo das redes fazem elles lume para se aquecerem.

As casas tinham duas portas pequenas, uma n'um extremo e outra no outro. Parece que n'ellas se recolhiam cerca de quarenta pessoas em cada uma.

Os nossos foram muito bem recebidos alli, e os naturaes lhes deram para comer da carne que assavam e muitas outras cousas que tinham, taes como inhame e varias sementes que ha na terra e elles comem.

Como já fosse tarde, fizeram-nos logo voltar e não quizeram que lá ficasse nenhum, e ainda, segundo elles diziam, queriam acompanhal-os. Trocaram-lhes, por cascaveis e outras pequenas cousas de infimo valor que levavam, uns papagaios vermelhos muito grandes e formosos e dois verdes mais pe-

queninos; por carapuças de pennas verdes, e um panno de pennas de muitas e variegadas côres, arranjado a modo de tecido, bastante bonito, como Vossa Alteza verá, porque todas estas cousas o capitão me disse as ha de mandar.

Com isto vieram os nossos e todos voltámos ás náos. [1]

(Continúa.)

H. SUDERMANN

O MOINHO SILENCIOSO

(Continuado do n.º antecedente)

Ella deixa cahir a cabeça sobre as folhas; movem-se os seus labios, e, como se ainda quizesse continuar a canção, murmura, ainda meio suffocada pelos soluços:

«Quebrou se... a roda... do moinho!...»

— Não se quebrou tal, não se quebrou, pequena, diz o Martinho com os olhos cheios de lagrimas, deixa estar que nunca se ha de quebrar a roda... do nosso moinho. Emquanto formos vivos, ha de girar.

E ella sacode a cabeça com violencia e fecha os olhos como em frente d'uma visão.

— Não sei d'onde te vem taes ideias, continua elle. Não nos corre tudo melhor do que pensavamos? Não está o João tambem comnosco? Não andamos todos felizes e contentes... a trabalhar desde manhã até á noite? Por onde nos havia de entrar a desgraça em casa? E porque?... E... e... lá na tua familia não te corre tudo bem? Não tratamos de que não falte a teu pae o necessario? E...

Suspira e limpa o suor que lhe alaga a testa. Não acha mais nada para dizer e dirigindo-se para o João, que, de costas voltadas, com a cabeça apoiada ao alizar da porta, está de pé á entrada da varanda:

— Mas tambem porque hão de cantar coisas de tanta tristeza? pergunta com ar rude. Até eu já me estava pondo ... nem sei como, quando principiaram: e ella ... ella não passa d'uma mulher.

A Gertrudes meche a cabeça como para dizer: «Não ralhes...» Depois levanta-se, murmura sem levantar a vista umas «boas noites» que mal se ouvem, e entra em casa.

O Martinho vae atraz d'ella.

O João, com a cabeça escondida nos braços, põe-se a pensar. Ainda a vê, na frente d'elle, erguer-se com os olhos a brilharem e depois, de repente, cahir, como fulminada. E tem pena de não ter corrido para ella a tempo de lhe impedir a queda.

De subito no cerebro brilha-lhe uma luz sinistra e sanguinolenta. Agora, sim, percebe o que dentro n'elle se passou n'essa vespera de S. João e porque atirou com o vaso — e fez um movimento como se outra vez o quizesse fazer pedaços!... Foi um momento, um só momento, de tortura infernal; a luz apaga-se bruscamente e tudo em volta d'elle volve á noite, noite sombria, cheia de angustias. Passa a mão pela testa, como querendo reaccender a mesma luz, mas tudo fica no escuro; escuro e misterioso fica sendo para elle o que em sua alma se passou. Parece lhe que quer gritar, confiar á noite a agonia indefinivel em que lucta. Põe-se de joelhos no mesmo logar em que a Gertrudes cahiu e com a testa encostada á esquina do banco põe-se a gemer devagarinho.

Ouve-se o bater d'uma porta dentro de casa. Retinem no vestibulo os passos do irmão.

O João põe-se de pé n'um prompto e senta-se.

O vulto do Martinho, recortado em negro, apparece na varanda.

— Irmão! irmão! diz-lhe o João quando elle se vem approximando.

— Estás ahi, rapaz? — E deixa-se cahir no banco com um formidavel suspiro. — Aquillo vae melhor; tanto chorou que adormeceu; agora está socegando muito bem e até o resonar é sereno e profundo. Ainda fiquei um bocado ao pé da cama a olhar para ella. Não sei o que hei de fazer! Até ha pouco lia n'aquella almasinha de criança como n'um espelho... e vae senão quando... Que será isto? Por mais que pense não dou com o rasto... É capaz de andar triste por nunca ter uma esperança... nunca. É o que me parece que deve ser. Pois olha que do meu ardente desejo nunca lhe falei: apoquental-a para que? Que lhe havia ella de fazer? E, depois, se bem pensarmos, a Gertrudes ainda é uma criança, longe ainda, muito longe da seriedade necessaria para o desempenho dos deveres de mãe. O que é preciso é paciencia.

E assim alivia a alma do pesar secreto que o domina. O João cala-se. Tão oppresso tem o coração, tão oppresso! Desejaria provar seu affecto ao irmão, mas não sabe como. Tambem do proprio tormento bem quizera livrar-se e pegando na mão do Martinho, diz-lhe do fundo d'alma:

— Deixa; tudo ha de correr bem, ha de arranjar-se.

— Decerto, e porque não? balbucia o outro muito espantado.

Sacode a cabeça, fita os olhos por instantes para a frente com ar preoccupado, e depois, constrangido:

— Vae deitar-te, João. A roda do moinho dá-te volta ao miolo.

XVII

No dia seguinte pela manhã, a Gertrudes, doente, deixa-se ficar de cama. Não quer ver ninguem e ao proprio Martinho o menos que for possivel. O João anda por ali sem saber o que ha de fazer. A hora das refeições passa triste e silenciosa... Cada vez mais espessas estendem-se as sombras em volta do moinho do Felshammer.

Mas o sol reapparece ainda uma vez. Ao quarto dia a Gertrudes está quasi bem; o João tem licença para entrar no quarto e conversar um bocado.

Encontra a sentada á janella, com um vestido branco sobre os joelhos. Está pallida e cançada, mas illumina-lhe a phisionomia aquella melancolia socegada, particular nos convalescentes.

Estende a mão ao João sorrindo.

— Como vaes? pergunta-lhe ella baixinho.

— Muito bem, como vês, responde ella, mostrando-lhe o vestido branco; já aqui estou ruminando idéas de baile.

— Baile!... diz elle com espanto.

— Falho te mostras de memoria, respondo, com ar de brincadeira. Pois não é no domingo a festa dos atiradores?

— É verdade! É verdade!

— Não te alegra a lembrança de dançares comigo?

— Alegra.

— Muito? dize, muito?

— Muito, sim.

Um sorriso infantil, um sorriso de descuidada illumina-lhe o rosto pallido e abatido; dá voltas ás rendas e aos fôfos de filó; sente-se feliz mechendo n'aquelles tecidos brancos e ligeiros.

O esgotamento physico parece ter-lhe tornado ao espirito sua antiga candura de criança; e, quando pergunta com certa anciedade pelos sapatinhos de baile, voltou manifestamente a ser o entesinho virginal e leviano que, ainda havia pouco, estendera a mão ao cunhado com ingenua cordealidade, desejando-lhe as boas vindas.

Elle senta-se n'um banquinho em frente d'ella; fazendo escorregar por entre os dedos o estofo do vestido de baile, vae escutando com um sorriso indulgente as tagarelices da Gertrudes.

E quanto ella ache para contar-lhe é cheio de sol e exhala a alegria do viver. Aquelle vestido fôra o do casamento; ella mesmo coseu-o e cortou-o, que d'isso sabe como poucas. Gostaria de ter ido de vestido de seda, como convinha á noiva do rico Felshammer, mas não chegára a juntar o peculio preciso; que o noivo lhe offerecesse o vestido, isso nunca lh'o consentiria sua vaidade natural. Agora quasi tem pena de estar desfazendo aquellas costuras... Quanto projecto, quanto sonho doirado não tinha ella ali cosido com a sua agulha! Mas não ha remedio; depois que casou, engordou muitissimo.

Depois a conversação muda para a festa dos atiradores, que se vem approximando, toca nos novos conhecimentos da aldeia, perde-se um instante pela cidade e pela loja do sapateiro; mas sempre a Gertrudes volta aos tempos de seu noivado e demora-se descrevendo sentimentos e acontecimentos d'essa epoca feliz.

Parece-lhe que novamente é solteira. O sorriso um quasi nada sonhador, sorriso de presentimento que lhe brinca nos labios, lembra o d'uma noiva, como se a festa para que faz seus preparativos fosse o das suas bodas.

Seus pensamentos vão todos d'ora ávante para o baile. Emquanto vae completamente recuperando a saude e o antigo brilho volta a seu olhar e a côr rosea floresce de novo em suas faces, noite e dia canta, vê-se no instante em que ha de paramentar-se e sonha com a voluptuosidade que — tal como embriaguez desconhecida e inconcebivel — ha de, n'essas horas de festa, invadil-a toda.

XVIII

Resôam ás trombetas; ás notas agudas dos clarinetes juntam-se os rufos abafados dos timbales.

Com muito taratatá e muito rataplan, vae-se desenvolvendo ao longo da rua o cortejo das corporações; á frente, dois arautos a cavallo: Franz Maas e João Felshammer, os dois uhlanos da guarda. É que ninguem lhes roubava aquella honra, tivesse muito embora que dissolver-se a corporação.

O Franz vae radeante; mas o João leva um olhar serio, quasi indifferente. Que lhe importam os homens? Todos são para elle gente extranha. Não diz adeus a ninguem; não pára o seu olhar; mas procura, prescruta a multidão e de repente illumina-se-lhe o rosto com um clarão de alegria e de vaidade. Inclina-se, faz um cumprimento com a espada; acolá, ao canto da rua, com as faces córadas e muita luz no olhar, agitando o lenço, está a que elle procura, a mulher de seu irmão.

E ella ri, faz signaes, põe-se nos bicos dos pés, apoia-se na vedação, salta para cima do marco; quer seguil-o com o olhar até que elle desappareça nos turbilhões de poeira. Quasi nem reparou no Martinho que marcha ao lado da bandeira. Mas tambem porque vai elle assim seu caminho tão socegado e empertigado, com o queixo todo mettido na gola?... Já longe, o João ainda lhe faz um signal com a espada.

O local do tiro, onde o cortejo pára, é na orla do pinhal, que, visto do açude, emmoldura a planicie. Em linha recta não vão mil passos até ao moinho do Felshammer; parece este estar fazendo signaes por cima do bosquesinho de amieiros junto ao rio. Não fossem os muitos atiradores fazerem aquella bulha de ensurdecer, devia de ouvir-se perfeitamente o mugido das aguas.

— Tomára que tanta tolice acabasse! diz o João.

Deita um olhar de cubiça para a sala do baile, uma grande barraca quadrada, cujo telhado se ergue muito alto, muito para cima do formigueiro de barraquinhas e tendas que atulham tudo em volta.

Só de tarde, quando houver sido proclamado o rei da festa é que as familias dos atiradores poderão entrar n'aquelle local.

Passam as horas e as detonações resoam monotonas á entrada do pinhal. Ao meio dia é a vez do João. Atira ao acaso, apesar das flores que a Gertrudes lhe poz na carabina... «flores que dão felicidade» dissera ella. E o Martinho sorrira, como a uma criancice.

Cumprido o dever, o João deu costas á carreira de tiro; entra no pinhal onde já se não ouvem nem gritos nem conversações, e onde só o echo dos tiros rola suavemente pelo ar. Deixa-se cahir no musgo e ergue os olhos para os ramos, cujas agulhas finas, ao sol do meio dia, teem scintillações como outras tantas pequeninas laminas de fresco aguçadas.

Fecha os olhos e põe-se a scismar. Como o mundo inteiro se lhe fez extranho!... Como todo o passado está longe! E não foi muito: mulheres e paixões não tiveram partes importantes, e entretanto como toda essa vida lhe pareceu rica e scintillante em côres! Um abysmo tudo agora afundou e sobre esse abysmo fluctua uma nevoa côr de rosa.

Passaram-se quando muito duas horas. Chegaram-lhe aos ouvidos um soar de trombetas ao longe, annunciando a escolha do novo rei. Põe-se em pé. Só meia hora... vai chegar a Gertrudes!

Dizem-lhe na praça que o sceptro coube a Franz Maas. Ouve aquillo como em sonhos. E que importa? Só tem olhos para olhar para a estrada, por onde, pela poeira e por entre o brilho do sol, mulheres de vestidos claros vão chegando a pé ou de carruagem.

---

[1] N'este mesmo dia desembarcou o bacharel mestre João, physico e cirurgião d'el-rei com o capitão-mór e o piloto Sancho de Tovar, na terra nova que acabavam de descobrir, e tomaram a altura do sol ao meio dia, para saberem em quantos graus ella estava. Das suas observações escreveu mestre João a D. Manuel uma carta, datada de Vera Cruz, em 1 de maio de 1500, e na qual se espraia em curiosas observações nauticas e astronomicas, terminando com o seguinte conselho: «Para o mar melhor é reger-se pela altura do sol, do que pelas estrellas, e melhor com o astrolabio do que com o quadrante, ou outro qualquer instrumento.» O original d'este documento guarda-se na Torre do Tombo, (Corpo Chronologico, parte 3.ª, maço 2, n.º 2) e foi publicado em 1892 no *Alguns Documentos do Archivo Nacional*, pag. 122.

O astrolabio foi inventado, ou aperfeiçoado, por Martim de Bohemia, ao serviço de Portugal, e pela *Junta dos Mathematicos*, creada por D. João II. A primeira viagem á India e a do descobrimento do Brazil foram as duas primeiras viagens mais longas em que o astrolabio se usou.

PLANTA DO CONVENTO DE SANT'ANNA

— Andas á procura da Gertrudes? pergunta-lhe de subito por detraz d'elle a voz do Martinho

Arrancado ao sonho assim tão bruscamente, estremece.

— Com mil milheiros... ! Que tens tu, rapaz? pergunta-lhe o Martinho a rir. Pesa-te o teres falhado o tiro ou andas-me a dormir ao meio dia?

Foi um bello dia para o Martinho. A companhia de toda aquella gente — e elle é um dos altos dignitarios da associação — arrancou-o ao torpor costumado: brilham seus olhos, um sorriso jovial brinca-lhe na bocca enorme. Se ao menos não parecesse tão desestrado com aquelle fato de dia de festa! O chapéo muito carregado para a testa deixa que lhe salte de traz da cabeça uma moita de cabellos arripiados que olham curiosamente por de cima das abas; por baixo enrodilham-se os largos cordões brancos do peitilho da camisa, que sahiram da gola do casaco.

— Lá vem ella! Lá vem! põe-se elle a gritar, agitando o chapéo.

Aquella brilhante equipagem, puxada por dois soberbos cavallos baios, escuros, é a carruagem de gala dos Felshammers, que o Martinho mandou fazer de proposito para o dia do casamento. No fundo aquelle vulto branco, encostado ao canto com indolencia, olhando em volta com um ar muito serio e superior, é ella «a mulher do rico Felshammer» como dizem baixinho os circumstantes.

— Vê lá, vem ou não vem soberba? diz o Martinho a meia voz, puxando a manga do João.

N'esse instante a Gertrudes deu pelos dois irmãos e — diabos levem modos estudados! — põe-se de pé na carruagem, agita n'uma das mãos a sombrinha, na outra o lenço, ri sem cerimonia, e com a ponteira da sombrinha pica as costas do cocheiro, para que ande mais depressa.

E logo que a carruagem pára, nem espera que lhe venham abrir, salta para a borda da portinhola e d'ahi, n'um só pulo, para os braços do Martinho.

Sente-se febril, agitada, anhelante; move os labios como para falar, mas falta-lhe a voz.

— Socega, pequena, socega, diz-lhe o Martinho afagando-lhe os cabellos, que lhe caem em milhões de canudos sobre o pescoço nu.

O João fica-se immovel, mergulhado n'um extasis.

Que linda que ella é!

Como véo ligeiro, o vestido branco e diaphano fluctua em volta do corpo, um encanto. E o pescoço tão branco! E aquellas covinhas, ali, ao nascer dos seios! E os braços roliços e soberbos em que se arrepia uma leve penugem de prata! E os seios redondos e rijos que se erguem e se abaixam como ondas! Parece-lhe uma belleza inaccessivel, toda ella «mulher» e toda ella «rainha»; e estas duas idéas de mulher e de rainha confundem-se em sua alma ingenua, confundem-se no que quer que seja que o enche de voluptuosidade e, ao mesmo tempo, de melancolia. Abriram-se-lhe de repente os olhos e ainda vacillam, encandeados na contemplação de toda aquella majestade real da *mulher*, perante a qual passou como um cego, durante sua inteira mocidade.

Como é linda! Como pode ser tão linda a «mulher!»

E já a Gertrudes deixa dos labios soltos sahir uma torrente de palavras confusas: está morta de impaciencia! e aquelle estupido relogio! e o almoço sósinha! e aquelles absurdos sapatinhos de baile em que seus pés não queriam entrar!

— Estão muito apertados, fazem-me doer; mas são bonitos, não são?

E mostrou os artelhos, erguendo um pouco o vestido. São uns sapatinhos azues, de tacões altos, atados no peito do pé com laços de seda azul.

— Parecem-me tão apertados! diz o Martinho, movendo a cabeça com ar inquieto.

— Estão, responde ella com um sorriso. Ardem-me na ponta dos pés como lume! Deixal-o, ainda melhor dançaremos, não é verdade, João?

E durante um momento fechou os olhos como para novamente evocar sonhos desapparecidos. Depois apoia-se ao braço do Martinho e quer que a levem para a barraca d'elles.

As principaes familias d'aquellas terras mandaram construir moradas particulares, cabanas ligeiras ou barracas de lona que lhes dêem abrigo para uma noite, visto que a festa se prolonga quasi sempre até de manhã. A Gertrudes em pessoa veio, na vespera, fiscalisar a construcção da barraca. Mandou trazer mobilia e ricamente emmoldurou a porta com grinaldas de folhagem. Póde orgulhar-se da obra: a barraca dos Felshammers é a mais bonita de todas.

Emquanto o Martinho procura abrir caminho por entre a multidão, a Gertrudes volta-se para o João e diz-lhe á pressa, em voz baixa:

— Estás contente, João? Pareço-te bem assim?

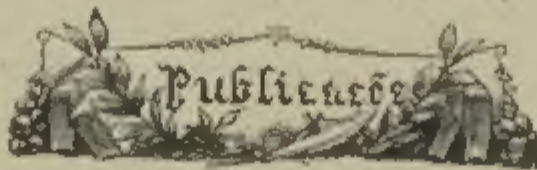
Elle diz que sim com a cabeça

— Muito? dize, muito?

— Sim.

Respira profundamente; depois põe-se a rir devagarinho, contente.

A linda moleira produz sensação. Os proprietarios de longe param para admiral-a; as burguezas empurram os cotovelos das amigas ás occultas; os rapazes da aldeia cumprimentam-a atrapalhados. Tudo fala baixo; um murmurio percorre os grupos onde ella apparece. Muito seria, com uma importancia um pouco affectada, caminha pelo braço do Martinho, puxando para traz de tempos a tempos os caracoes que fluctuam sobre os hombros; e quando ergue a cabeça, tem o ar d'uma rainha ou, antes, d'uma criança doida de alegria que vai fazer de rainha n'uma magica, mas que não está á vontade no papel.

(Continua).

Recebemos e agradecemos:

Em romagem — *Versos consagrados á Senhora de Sant'Anna em sua linda ermida de Oliveira do Hospital, na festa de 6 de agosto de 1899 — por Manuel Telles — Coimbra — Typ. de França Amado — 1899.*

Manuel Telles, o auctor do *Livro do Coração*, é um poeta mimoso que dá gosto ler. Este seu novo poemeto, escripto em suaves *decitinos*, foi elegantemente impresso para o auctor offerecer 200 exemplares á commissão do bazar do Montepio de Oliveira do Hospital, por occasião da festa de 6 de agosto findo.

Dedicando á Senhora de Sant'Anna os seus gorgeios o poeta termina assim:

«Que muito é que eu venha agradecido,
«Por tanto, tanto bem, que hei recebido,

«Trazer, pobre romeiro! á Vossa festa
«Uma off'renda tão simples e modesta!»

La jeune revue parisienne — *Editeur Francis Laur — 26 — Rue Brunel — (Etoile-Paris) — Août — 1899.*

Alcança ao seu terceiro numero esta nova revista franceza. Traz na capa um desenho de gracioso genero artistico intitulado *La Chimère*, e um desenho a carvão *La vie*, illustrando uma poesia de A. Lénia. Tem a parte material muito cuidada, e da sua collaboração se pode ajuizar pelo seguinte summario:

Une lettre inédite de *G. Sand*. — La Consultation, novella de *Francis Bœuf*. — La Chimère, poesia *d'Aurèle Hieu*. — L'Echo des Jardins Royaux, *de Bézobrazow*. — Panouillard se marie, conto, de *L. Lemmens*. — Les Deux Fous, poesia, de *G. C. Felizet*. — France! Grèce!, poesia de *Francis Bœuf*. — Qui je suis?, *F. L.* — Le Triomphe de l'Oubli, esquiço de *Gabriel Dauchot*. — Timidité, poesia d'*Edouard Lepage*. — La Vie, *R. Lénia*. — Les Trois Messes, nouvelle de *Cisca Berg*. — La Mort de Coco, conto celeste de *F. L.* — Les Cinq Biches Blanches, lenda d'*Emile Veyrin*. — Mois Artistique, Mois Théâtral, Mois Sportif, *Daniel Régnier*. — Bibliographia, Theatros e Concertos, *A Bloc*.

O que foi o advogado Martinho A. de Menezes — *por J. M. Lamartine Prazeres da Costa. — Imprensa Nacional. — Nova Goa. — 1899.*

Prefaciando este seu trabalho, escreve o sr. Lamartine Prazeres da Costa:

«Este meu primeiro balbuciar litterario não tem nem pode ter pretenções que ambicionem ir além dos limites da sincera e enthusiastica admiração que sinto pelo vulto cuja lembrança sómente procuro avivar n'estas poucas e mal traçadas linhas, pela muita estima e dedicada amizade que lhe consagrou em vida a minha familia que entre as suas relações contava o seu illustre e aureolado nome.

«Venho simplesmente prestar homenagem e culto á memoria do preclaro advogado e jornalista — Martinho de Menezes — a quem pennas brilhantes puzeram em alto relevo, após a morte, todos os encantos da sua vida, todos os fulgores do seu talento, não podendo a minha, pobre e juvenil, registar um só pensamento, uma só imagem, á altura do seu merito, porque de cerebros acanhados ou de cellulas mal nutridas não podem brotar idéas luminosas.»

Bastariam estas nobres considerações para darem ao presente opusculo uma sympathia justissima a que se accrescenta a justa homenagem do assumpto.

Martinho de Menezes era um illustrado jornalista portuguez, redactor da *Discussão* de Nova Goa, onde estava encarregado das secções juridica e politica, como advogado distinctissimo.

Inimigos politicos e amigos dedicados egualmente prantearam o seu fallecimento e a sua memoria tão viva se tornou, que ainda passados tempos, apparece esta sua interessante biographia.

Relatorio *da direcção e parecer do conselho fiscal da Sociedade Protectora das Cozinhas Economicas de Lisboa — Gerencia de 1898 — Lisboa — Imprensa Nacional — 1899.*

Por este documento se vê bem quanta dedicação tem prestado ás Cozinhas Economicas a illustre associação sua protectora e quanto bem merecem os seus corpos gerentes pela maneira como teem desempenhado o seu arduo e honroso mandato.

De anno para anno crescem, com notavel progressão, os beneficios que presta tão util instituição. Não só a clientella augmenta, como se solicita a abertura de outras cozinhas, para tornar extensivo a variados estabelecimentos, particulares ou do estado, o beneficio das existentes.

Essa maior procura, comtudo, dada a elevação que em geral teem soffrido os generos alimenticios de primeira necessidade, dá um aggravamento das despezas, no qual a muita benemerencia e generosidade dos socios protectores das cozinhas tem obviado como se vê do presente relatorio.